Revista Comunicação Universitária

SENDO PAI, SENDO HOMEM: SEXUALIDADE, REPRODUÇÃO E AFETIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DE SI ENTRE JOVENS DE UM GRUPO POPULAR EM BELÉM, PARÁ. [1]

BEING A FATHER, BEING A MAN: SEXUALITY, REPRODUCTION AND AFFECTION IN THE CONSTRUCTION OF SELF AMONG YOUNG PEOPLE FROM A POPULAR GROUP IN BELÉM, PARÁ.

Ana Lídia Nauar Pantoja[*]
Universidade do Estado do Pará

Wilson Eduardo Gomez-Pulgarín[**]
Universidade Federal do Pará

RESUMO

A partir da experiência da chamada "gravidez na adolescência" entre jovens de camadas populares de um bairro de Belém, estado do Pará, neste texto nos propomos a discutir algumas questões ligadas à construção das masculinidades no universo de 14 rapazes, considerando a experiência da paternidade. Trata-se de uma análise antropológica do evento como um elemento fundamental na construção que os rapazes fazem de si e, portanto, compreendida como um fenômeno que faz parte do processo considerado como de adultez masculino, e como um elemento marcador da passagem de uma fase a outra na vida deles. Para além de um evento biológico, portanto, a pesquisa aponta que a paternidade assume significados morais e afetivos importantes à compreensão das subjetividades que envolvem as práticas ligadas a sexualidade e a reprodução entre os jovens neste contexto.

Palavras-chave: Jovens de camadas populares, paternidade, construção de masculinidades, Belém do Pará.

ABSTRACT

Based on the experience of so-called "teenage pregnancy" among young men from working-class backgrounds in a neighborhood in Belém, Pará state, this text aims to discuss some issues related to the construction of masculinities in the universe of 14 young men, considering the experience of fatherhood. This is an anthropological analysis of the event as a fundamental element in the construction that young men make of themselves and, therefore, understood as a phenomenon that is

[1] Este artigo deriva da Tese de Doutorado intitulada, "Sendo mãe, sendo pai: sexualidade, reprodução, e afetividade entre adolescentes de grupos populares de Belém, Pará", defendida no ano de 2007 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGSA/UFPA.

[*] Doutora em Antropologia Social, Professora Adjunta de Antropologia Social na Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará Brasil. E-mail:ananauar@uepa.br.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6883-099X. Lattes: http://lattes.cnpq.br/3597087400356373.
[**] Doutor em Antropologia Social, Professor de Letras e Antropologia na Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil. E-mail: eduardogomez81@yahoo.com.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5448-9142. Lattes: https://lattes.cnpq.br/3167572622656064

part of the process considered as male adulthood, and as an element that marks the passage from one phase to another in their lives. In addition to being a biological event, therefore, the research indicates that fatherhood assumes important moral and affective meanings for understanding the subjectivities that involve practices related to sexuality and reproduction among young men in this context.

Keywords: Young people from lower classes, fatherhood, construction of masculinities, Belém do Pará.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a chamada "gravidez na adolescência" têm se ampliado significativamente no âmbito das Ciências Sociais nos últimos anos, particularmente, na Antropologia. No entanto, o papel e a importância dos homens no processo que leva a gravidez e a maternidade de sua esposa/namorada/companheira, não tem sido privilegiado na mesma proporção nas pesquisas nessa área. A importância de uma análise que contemple o processo que envolve a gravidez e a maternidade considerando o ponto de vista dos homens, encontra-se na possibilidade desse exercício trazer à cena aspectos importantes que envolvem os significados desses eventos a partir das subjetividades que emergem e as mudanças que ocasionam na trajetória de vida dos casais envolvidos, particularmente (para o que mais interessa de perto aqui), na construção das identidades de gênero.

Objetivando fazer uma análise que contemple os homens no contexto do processo reprodutivo e identitário, neste texto nos propomos a discutir algumas questões ligadas à construção das masculinidades de um grupo composto de 14 jovens de camadas populares em Belém do Pará, a partir da experiência da paternidade. O foco da análise, portanto, centra-se na paternidade como um elemento fundamental na construção que os jovens fazem de si e, portanto, pode ser compreendida como um fenômeno que faz parte do processo que aqui estamos considerando como de adultez masculino, que em muitos casos, se traduz inclusive, como o acontecimento que marca a passagem de uma fase a outra na vida dos rapazes, considerando ainda nesse contexto, o lugar da afetividade na atitude deles em assumir a gravidez e um filho.

O conceito de masculinidade aqui é entendido de acordo com o que propõem Connell e Messerschmidt (2013), quando consideram a existência de uma pluralidade de formas dessa construção nos diferentes grupos sociais, mesmo quando estabelecem aquilo que se define na nossa sociedade como "masculinidades hegemônicas". E, estas, segundo os autores,

> Podem ser construídas de forma que não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real. Mesmo assim esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito difundidos. Eles oferecem modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas das relações de gênero (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 253).

Assim, não se trata de generalizar para todos os grupos sociais masculinos, pois "o conceito de masculinidade hegemônica não busca abarcar tudo e muito menos ser uma causa primeira; é uma forma de entender certa dinâmica no seio de um processo social" (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 256). Nesse sentido, e considerando essa premissa em relação a este conceito, que buscamos compreender as experiências do grupo de rapazes que pesquisamos, em relação à paternidade e sua importância para e na construção de suas masculinidades.

O ponto de partida para esta análise foi a constatação, a partir de uma pesquisa mais ampla sobre a questão da gravidez na adolescência entre jovens de camadas populares[2], da importância que esse evento assume para os rapazes. Não se trata, obviamente, de reafirmar o papel de protagonistas que estes rapazes (e os homens, de maneira geral), têm, no sentido de que ela (a gravidez), jamais existiria sem a sua participação. O que nos instigou de fato a uma reflexão sobre a questão foi – além de uma dada percepção da importância que o evento assume na construção das identidades masculinas nesse universo – as possibilidades que tal atitude abre, à compreensão das subjetividades que envolvem as práticas ligadas a sexualidade e a reprodução entre os jovens, sobretudo a sensibilidade e o afeto inscritos nessas experiências (Duarte, 1999).

2 DO UNIVERSO DE ANÁLISE

Os dados aqui analisados se referem às entrevistas realizadas com 14 jovens em idade entre 18 e 25 anos, namorados/parceiros das adolescentes que compõem o universo mais amplo da pesquisa realizada em uma escola da rede pública estadual de ensino, localizada no bairro do Guamá, em Belém. O critério de seleção desses rapazes foi definido a partir da identificação da gravidez de suas namoradas/parceiras e/ou nascimento das crianças cujas paternidades haviam sido por eles assumidas.

[2] Este artigo é fruto de uma pesquisa mais ampla sobre gravidez na adolescência, com destaque para a gravidez, maternidade e paternidade no âmbito de relações afetivas entre os pares e tendo como quadro de referências as relações no contexto da família e da escola.

Cabe destacar as dificuldades encontradas para entrevistá-los em virtude de os mesmos em sua maioria não se encontrarem na referida escola, *locus* inicial exclusivo de investigação. Através do grupo de mulheres (grávidas e mães), na escola, foi que conseguimos chegar até seus parceiros, e/ou pais de seus filhos, já que, estes, além de dificilmente serem encontrados no mesmo local –, o que concorre para a inexistência de redes de relações masculinas em torno desses eventos nesse espaço –, a paternidade, por razões biológicas, não se inscreve em seus corpos, tal como ocorre no caso da gravidez/maternidade nos corpos femininos[3], o que também tornou, de certa forma, mais difícil identificá-los em um primeiro momento. Além disso, nos deparamos com a impossibilidade de entrevistar os homens/pais, cujo relacionamento afetivo-sexual com a mãe de seus filhos, havia terminado de forma conflituosa. Como o nosso acesso a eles se deu por intermédio delas, respeitamos as limitações impostas por esse tipo de situação, pois percebemos que poderiam sentir-se constrangidas ou indignadas, caso tentássemos uma aproximação com os ex-namorados/parceiros, sem termos sido "autorizada/o" por elas para fazê-la.

Consideramos oportuno esclarecer que a opção de recorte deste universo – rapazes que assumiram a gravidez de suas parceiras/namorada – foi decisiva para a maior visibilidade de casos em que houve reconhecimento social da paternidade pelo rapaz. No entanto, é preciso considerar também que podem ser muitas as possibilidades de este mesmo universo conter uma heterogeneidade de situações em que o processo que envolve a gravidez se deu/ou pode ter se dado de maneira conflituosa, resultando em prática de aborto, sobretudo, quando a gravidez não é/foi assumida pelo rapaz.

3 DA METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico, importa realçar que, embora este universo pesquisado possa ser inexpressivo em termos quantitativos, consideramos, contudo, significativo do ponto de vista qualitativo, no sentido da valorização da complexidade relativa à teia de significados que envolve a experiência da paternidade para esse grupo de rapazes. A representatividade aqui, portanto, não é numérica, mas, sim, considerada do ponto de vista da profundidade do

[3] Apesar dessa diferença de caráter biológico, o fenômeno sócio-cultural do "casal grávido", do qual inclusive só se tem problematizado para as camadas médias (Salem, 1989), também é algo passível de observar (e até com muita freqüência), neste universo. Embora, evidentemente, não obedecendo os mesmos contornos de consideração de valores (individualistas, igualitários), do modelo construído pela autora.

https://doi.org/10.69675/RCU.2763-7646.10669 ISSN 2763-7646

tratamento que procuramos dar aos dados da pesquisa. Ainda sobre esse ponto, é importante dizer que, embora, tenhamos coletado informações relacionadas a um grupo de 14 rapazes, isso não significa que nos ativemos apenas a este grupo em específico, mas, que indiretamente, obtivemos referências próximas e recorrentes – inclusive com conhecimento deles – de um universo social mais amplo, o que pressupõe que, cada rapaz entrevistado, em média, se multiplica por mais ou menos cinco ou seis outros, amigos ou parentes destes, cujas trajetórias frequentemente referidas, também possuem a marca desses mesmos eventos.

Importa registrar que, com o intuito de preservar as identidades dos nossos interlocutores e interlocutoras nesta pesquisa, optamos em atribuir-lhes nomes fictícios. E, com a mesma intenção, também ocultamos o nome do bairro onde moram os rapazes entrevistados.

4 DA ANÁLISE E RESULTADOS

4.1 Gravidez não desejada/planejada?

Associados quase sempre ao universo feminino, a gravidez e a maternidade são eventos sociais que têm sido tratados por boa parte da literatura pertinente aos temas, como “coisas de mulher”, sendo de certo modo menosprezada a importante participação que os homens têm nesses eventos. No entanto, como sabemos, muito embora na sociedade brasileira conceber e criar os filhos sejam papéis culturalmente atribuídos às mulheres, os homens, na condição de parceiros das adolescentes, podem assumir papel de relevo nesse contexto (Leal, 1998).

Para boa parte da literatura que trata da questão da gravidez na adolescência, esta é quase sempre referida como um acontecimento que marca a trajetória de vida dos jovens, principalmente das mulheres, de maneira negativa, causadora de transtornos vários para os envolvidos e seus familiares. Essa percepção decorre do fato de que a gravidez tende sempre a ser vista como “precoce” ou “indesejada”.

No entanto, há uma tendência neste universo pesquisado, de os rapazes abandonarem os estudos quando do nascimento de seus filhos, em razão de maiores dificuldades de conciliação do tempo entre o estudo e o trabalho, que surgem nesse contexto. No caso dos rapazes mais jovens neste grupo (na faixa de 18 a 21 anos), a interrupção dos estudos acontece na medida em que a paternidade tende a impor a eles a responsabilidade maior no papel social de provedores do filho. O trabalho, então, passa a ser priorizado em detrimento dos estudos. No entanto, encontramos casos em que essa dificuldade já havia ocorrido antes do rapaz assumir a

paternidade do filho; em situações deste tipo as dificuldades que ocasionam o abandono dos estudos encontram-se ligadas a assunção de responsabilidades como principais provedores da família (mãe e irmãos), na ausência do (seu) pai.

4. 2. Quando eles também "sentem vontade de 'ter' um filho"

Quando iniciamos a pesquisa neste universo, de certa forma esperávamos encontrar (como de fato encontramos) muitas histórias de gravidez e maternidade como parte de um projeto de vida das meninas. As observações e escutas nos corredores da escola nos permitiram perceber que esse desejo estava de alguma forma ligado à socialização delas no contexto de suas famílias, onde, desde cedo, são envolvidas com os cuidados da casa e das crianças, o que as prepara para mais adiante, assumirem as responsabilidades com os seus próprios filhos. Mas ao contrário, não imaginávamos encontrar com certa recorrência, esses eventos ligados a um desejo e como uma escolha, mesmo, dos próprios rapazes.

> "Ah, ser pai é uma coisa muito boa que eu já queria há muito tempo já, só que ainda não tinha conseguido, aí foi que aconteceu agora com ela...eu já queria engravidá ela **porque eu ia segurá ela com a gravidez,** eu fiz de propósito, não fui buscá a camisinha, eu falei que não ia gozá nela que eu ia tirá na hora só que eu não tirei e deixei até o final, aí ela me empurrou, brigou comigo, porque se ela tivesse grávida o pai dela ia por ela pra rua. Eu já tava de olho nela há muito tempo, já gostava muito dela..." (Benício, 20 anos, grifo nosso).

O depoimento de Benício é emblemático de que a gravidez ou um filho nem sempre resultam de uma estratégia de aliança feminina (Leal, 1998), ou mesmo de que somente elas desejam ser mães e usam isso para "prender" o rapaz. Ao contrário, no intuito muitas vezes de "segurar" a namorada, eles podem tomar a iniciativa de não usar o preservativo na relação sexual, intencionalmente, para que a namorada engravide. No caso deste rapaz, ele foi enfático quando nos disse, "que tinha vontade de ter um filho", mas ainda "não tinha encontrado a pessoa certa", sugerindo com isso que, se é importante para eles ser pai, isso não significa, como eles mesmos dizem, "saí por ai fazendo filho com qualquer uma".

É importante sublinhar que na sua fala, Benício faz uso da expressão "ter filho" e não "fazer filho", o que denota a ideia de participação e não de preeminência dele. O rapaz se inclui na mesma situação que a menina, construindo simbolicamente do mesmo modo que ela. Esse aspecto remete à ideia de "casal igualitário" referido por Salem (1987), como algo que, embora

não esteja formulado nos mesmos termos que nas camadas médias, encontra seu correspondente neste grupo de camada popular.

Ainda considerando a trajetória de Benício, é preciso lembrar que essa vontade de ser pai, que ele disse sempre ter tido, decorre também do fato dele ter passado pela experiência de "reparar" seus sobrinhos, quando pequenos:

> "...porque eu tinha meus dois sobrinhos que eu mesmo cuidava das criança, aí já sei mais ou menos como é cuidá de criança...era um casal e eu tinha mais chamego com a menina, arrumava a menina, tudinho, pentiava o cabelo dela, meu chamego era mais com ela, até hoje, aí quando ela soube que essa aqui era uma menina, aí ela (a sobrinha que ele cuidou) tá com ciúme, ela tem cinco anos, o outro tem seis, é mais velho ele". (Benício, 22 anos).

Apesar do costume de "reparar" crianças ser mais frequente entre as meninas no bairro, como vemos, esta não é uma prática completamente exclusiva delas. Vale ressaltar ainda o fato de a maioria desses rapazes ter manifestado o desejo de formar sua própria família. Assim, para eles, a gravidez de sua namorada/parceira emerge como um desejo ligado a vontade de ser pai e/ou de constituir sua própria família.

> "Aí foi, ai aconteceu de novo outra vez de gozar dentro, aí ficamos naquela 'ah já que gozei dentro então bora vê', aí continuei fazendo e não demorou muito **veio novamente a menstruação dela**. Aí eu fiquei assim, meio querendo ver o que acontecia, aí eu fiquei, digo, 'égua ou é eu ou é ela que não pode, né?' Aí fiquei nesse negócio, 'como é que pode cara, ela não pode ter filho? Ou eu não posso?' Aí ficava naquilo. A gente até discutiu por causa disso, 'poxa...quem é que não pode ter filho? Eu quero ter um filho..não sei o que...eu não queria ainda ter filho, só que eu pensei que um de nós não podia...aí eu tava desempregado, aí fica difícil arcar com remédio, negócio de camisinha, essas coisas. Aí pegou, fiquei, fiquei, aí teve uma vez que deu certo, aí quando vi, ela ficou grávida mesmo". (Daniel, 22 anos. Grifo nosso).

Neste relato fica, do mesmo modo explícito, o desejo de realização da paternidade que o rapaz também alimenta no contexto da relação afetiva com a sua namorada. Tanto quanto Benício, Daniel manifesta o mesmo desejo que a sua namorada, se colocando na situação de desejo, espera, junto com ela, quando afirma que "queria ter um filho". As dificuldades que poderão advir de uma gravidez que não foi planejada, sobretudo quando ele se encontra desempregado, parece ter um peso e uma preocupação bem menor diante do que pode representar a possibilidade de incapacidade biológica de fertilidade, o que pressupõe, uma dificuldade de ele "virar homem" também. Apesar de, nesse depoimento o rapaz referir as dificuldades financeiras em relação à aquisição de contraceptivos e de certa forma tentar

justificar a não utilização do preservativo por esse motivo, o medo de não ser capaz de "ter filho" prevalece em seu discurso.

Esse temor diante da possibilidade de não poder "ser pai" ou "ter filho" sinaliza para a importância que o evento tem no sentido da afirmação da virilidade para a maioria dos rapazes entrevistados. No estudo realizado por Monteiro (1999) com adolescentes da favela de Vigário Geral, no Rio de Janeiro, este valor simbólico da gravidez e da maternidade também se apresenta, estando o não uso da camisinha pelos rapazes, ligado à percepção de risco de a parceira engravidar, mas, que, no entanto, tal concepção "contém uma dimensão positiva relativa à afirmação da virilidade" (Monteiro, 2002: p. 100), sendo o evento um dos componentes da construção da masculinidade em tal universo.

A importância que os rapazes aqui entrevistados – sejam adolescentes ou não – assumem no processo que envolve os desdobramentos de uma gravidez, revela que efetivamente, para que a gravidez seja levada a termo pela menina, necessita que o rapaz se posicione em relação a sua responsabilidade como pai, assumindo primeiramente a gravidez e depois, a paternidade do filho.

Nos relatos das meninas e dos rapazes nesta pesquisa, essa importância social do pai aparece relacionada à condição de "provedor", daquele que assume, potencial ou parcialmente a criança, atitude através da qual sua identidade masculina passa a ser reafirmada. O relato de Daniel deixa explícita essa importância:

> "A pessoa cresce principalmente na responsabilidade, pelo menos eu me senti mais responsável e não sei, porque pra mim eu tenho que trabalhá pra sustentá (a filha), tenho que dá o meu jeito, porque tenho que fazê meu papel de pai". (Daniel, 22 anos, marido de Débora, 17 anos).

Essa ideia é igualmente defendida pela família, pois, durante a entrevista com um dos rapazes, este, se referindo ao fato de não usar camisinha, sua mãe ressaltou: *...mas tu não pode ficá fazendo filho porque tu não tem emprego*, confirmando a estreita relação existente entre ser pai e ser provedor, o que pressupõe ser isso um princípio moral fundamental que atua inclusive como uma regra neste universo.

Notamos, nesse sentido, haver uma preocupação muito grande das mães (dos rapazes) em relação a esse ponto. Eles, desde cedo, tendem a ser "empurrados" pela família para o "mundo do trabalho", e neste caso, "qualquer coisa serve", pois há um entendimento de que o importante é trabalhar para não "cair no vício", enveredando pelo mundo das drogas e do

crime[4]. Na verdade, o que mais eles e suas mães almejam é "arranjar um emprego", que possibilite uma maior segurança, por exemplo, no sentido de ter um rendimento fixo mensal, o que é sempre mais difícil. Pois, a maioria dos rapazes neste universo, trabalha "fazendo bico", ou seja, de acordo com as diferenças que eles mesmos estabelecem, não têm emprego remunerado fixo.

Essas práticas atualizam um modelo de comportamento em que a lógica tradicional de gênero fica evidente e que aqui organiza as relações no grupo doméstico. Se aos rapazes compete a obrigação com o provimento da família – mulher e filho – as meninas são encarregadas do cuidado da casa e do filho. Isso, no entanto, não quer dizer que não se encontre meninas e rapazes atuando em domínios distintos dos que lhes são comumente atribuídos.

A obrigação atinente à condição de pai propicia o início de uma fase que o grupo masculino define como sendo de uma maior responsabilidade, à medida que o rapaz tem que assumir seu compromisso de prover o sustento do filho e, em alguns casos, da namorada/parceira, também. Assim aponta a fala de Bruno:

> lei pra ela, até onde der certo da "Eu acho que assumi a paternidade é arcá com todas as despesas, compromisso com ela, com a família dela. O meu papel de homem com ela foi como eu falei pra ela, a família dela queria tirá (que ela fizesse o aborto), porque ela tava muito nova, falei pro pai dela: 'se depende de mim, a responsabilidade é minha', então é aquela coisa, assumir que eu digo a paternidade é pro resto da vida, é uma responsabilidade a mais, é uma preocupação que vai ficar assim até o fim da vida...foi o que eu falei, se a gente ficá junto eu vou assumi ela, o neném, o que falta pra eles dois vou tá a disposição." (Bruno, 19 anos).

Não obstante a expectativa social do papel masculino de provedor impor aos rapazes a responsabilidade material mesmo que parcial em relação à criança, tal atitude nem sempre se estende à menina/parceira. Arcar com as responsabilidades de pai e não necessariamente de "pai de família" – por outro lado, já que em apenas cinco casos a gravidez ocasionou a coabitação, originando uma nova família – não minimiza o compromisso que ele tem que ter em relação ao provimento da criança. Esse dado sugere ainda que, neste contexto, a gravidez nem sempre faz parte de uma "tática" da menina no sentido de acelerar um processo de união (Bozon, 2001), sem a qual o mesmo se desenrolaria mais lentamente, ou não ocorreria.

[4] Ouvimos referências várias quanto a este tipo de preocupação das famílias e dos próprios rapazes. Entre estes, por exemplo, há sempre uma história ligada a uma fase da vida deles em que "fumava maconha" ou "andava roubando", situação que eles dizem ser muito diferente em relação a vida atual por se encontrarem trabalhando e terem adquirido maior responsabilidade como pais.

Nos relatos de algumas meninas entrevistadas, não "casar"/"se amigar" ou continuar residindo com a família de origem após a gravidez e o nascimento do filho, pode e é, muitas vezes, uma opção delas mesmas e quase sempre justificam essa atitude pela necessidade de ter com quem deixar a criança para que possam ir à escola – e neste caso, há uma preferência da menina de que esta pessoa seja alguém da sua própria família.

Outra forma encontrada por elas para justificar a mesma atitude é dizendo que "se fosse pra ir morá com ele e o nosso filho em uma casa só nossa, tudo bem, mas morá junto com a família dele, não", o que pressupõe que o modelo de família que está na cabeça delas é o modelo nuclear, embora este raramente se concretize diante das circunstâncias materiais nem sempre favoráveis em que se encontram. E, nessas situações privilegiam suas próprias famílias e raramente a dos seus namorados/parceiros.

De acordo com os relatos das meninas e dos rapazes entrevistados, com exceção de três casos, todos os parceiros/namorados assumiram a paternidade, independente da idade e do tipo de vínculo afetivo mantido com a menina, após o nascimento da criança. Esse aspecto em muito pode ajudar na compreensão de uma tendência por parte de uma maioria deles, em abandonar os estudos ao se tornarem pais, à medida que, de fato, a experiência da paternidade assumida, impõe a eles a obrigação de trabalhar para que a condição de homem/pai/provedor, seja assegurada.

Embora esse ponto necessite ser analisado com mais cautela, sugere um questionamento da ideia tão presente no senso comum (e que sempre é reiterada pela mídia, por exemplo), de que o componente etário é um fator que determina/leva em última instância, o rapaz a assumir ou não a gravidez. A atitude destes rapazes – considerando aqueles que se encontram na faixa etária correspondente ao que oficialmente a OMS – Organização Mundial de Saúde – reconhece como adolescência – portanto, contraria o argumento de que "todo adolescente não tem responsabilidade", sobretudo no que se refere à não assunção da paternidade, sendo culpabilizado por fazer com que a menina assuma sozinha a responsabilidade em relação à criança.

Nas conversas com Daniel, ele falou dessa preocupação com o trabalho quando teve a confirmação da gravidez de Débora:

> "Quando ela ficou grávida eu fiquei feliz. É agora eu vou trabalhar pra sustentá minha família...dai foi atrás de emprego, ai uma cunhada minha falou, olha Daniel, vai ali no supermercado, ali no Brasília (nome de um supermercado do bairro), que saiu um rapaz de lá e talvez estejam precisando de embalador. Peguei, fui lá, conversei, ai fiquei trabalhando". (Daniel, 22 anos).

Do mesmo modo, essa preocupação do rapaz se mostra também, no relato de Bárbara,

> "A mãe dele comenta que quando ele não tinha mulhé e filho, caso ele saísse de um emprego, que ele não se esforçava pra arrumá outro, ficava em casa esperando o emprego batê na porta dele...agora não, depois que eu me juntei com ele, agora ele não consegue ficá sem emprego, já fica doidinho andando atrás de emprego.
>
> [Pesquisadora: Porque?] Por causa dos dois filhos, é como ele diz, pode faltá tudo pra ele, mas pros filhos dele ele não qué que falte nada...". (Bárbara, 17 anos)

Como é possível perceber através dos relatos, estes não coincidem com a imagem negativa do adolescente irresponsável que comumente é veiculada pela mídia. Como já dito aqui, os rapazes neste grupo tendem a assumir a responsabilidade como provedores de seus filhos. Para eles, assumir a paternidade do ponto de vista social e material denota maturidade e responsabilidade, "atitude de macho", e é dessa perspectiva que se reconhecem e são reconhecidos (e valorizados também), tanto pela família (deles e das suas namoradas/parceiras) quanto pelos seus pares, homens e mulheres na escola, na rua onde moram ou no bairro.

> "Eu acho que se eu não assumisse que o filho era meu eu **não estaria sendo homem**, se eu fugisse desse compromisso, se eu tivesse feito isso na idade que ela tá, eu acho que eu estaria fugindo do compromisso com ela e comigo mesmo porque a consciência ia pesá um bucado depois em saber que tú (ele) colocasse a criança no mundo e depois deixá pra lá, não assumi, ficá de lado". (Bruno, 19 anos, grifo nosso).

Portanto, assumir a gravidez da menina e a paternidade da criança possui um significado moral ligado ao papel e à construção e/ou afirmação da masculinidade neste universo. Ser pai neste universo é assumir uma responsabilidade com o sustento do filho, atitude considerada como "de macho", portanto, de homem. Tal qual disse um deles: "homem que é homem tem que assumir aquilo que faz, não pode fugir da sua responsabilidade". Se, ao contrário, o rapaz fugir ao seu papel de homem deixando de honrar com o seu compromisso de pai, ele passa a ser visto de outra forma, primeiro pela família da menina e, depois, pelas outras pessoas que os cercam, como fica explícito na fala de Bruno:

> "Se eu não tivesse assumido aí eu taria sendo na cabeça deles (da família dela e das outras pessoas) com certeza sendo um muleque, como hoje em dia eu tenho moral pra sentá com o pai dela prá conversá sobre o nosso relacionamento, agora eu acho que se eu não assumisse, no dia que eu chegasse aqui na casa dela, eu acho que ele ia me tratá totalmente diferente, hoje em dia ele me trata com respeito pela atitude que eu tomei". (Bruno, 19 anos).

O que se depreende desta narrativa é que, assumir a responsabilidade em relação ao filho que vai nascer significa tomar uma atitude de homem, denotando assim, obter respeito perante

os familiares da menina, sobretudo do pai dela, o que implica em ter "moral pra sentá e conversá" com ele de igual para igual, ou seja, "de homem pra homem". Quando isso não ocorre, o rapaz "fica sem moral" e é tratado de forma diferenciada pela família e amigos, visto e considerado "um muleque".

Importa ressaltar que esse modelo tradicional de comportamento masculino é buscado (como já dito antes), e atualizado pelos rapazes, independente de serem estes adolescentes ou não. O realce desse ponto é importante, sobretudo porque no grupo de rapazes que tomamos como referência nesta análise, há também homens com idade acima de 19 anos, portanto, do ponto de vista etário (e de acordo com a classificação da OMS), não adolescentes. Se por um lado tal aspecto conduz ao questionamento sobre em que medida o fato de ser o pai adolescente ou não implicaria em diferenças significativas nos desdobramentos da gravidez – considerando a expectativa das meninas em torno do desempenho por ele do papel de provedor – por outro, instiga o questionamento sobre o que a escolha de um rapaz não adolescente pode significar, do ponto de vista social, e moral para elas.

Ocorre que, assim como eles estabelecem um perfil de menina "pra casar e ter filho", ou seja, para ser a sua "mulher", as meninas também manifestaram opinião sobre o perfil de rapaz que desejam e esperam encontrar para estabelecer relacionamento de compromisso e, em certa medida também, para serem os pais de seus filhos. Para a maioria das meninas entrevistadas e suas famílias, há um desprezo por rapazes que apenas estudam e não trabalham. A esse valor social do rapaz que trabalha, porém, elas agregam outras atitudes tomadas por ele em oposição a certos julgamentos comuns que denotam uma medida de avaliação do comportamento dos rapazes, também, pela família dela:

> "...meu irmão dizia antes que ele (o marido dela) era 'cheira cola', pichador, isso, aquilo outro...eu tenho assim pra mim que uma pessoa assim, porque esses homens e que dizem que é cheira cola e pichador, eles não esperam uma mulher todo esse tempo pra manter relação (sexual), se ela não quiser, eles dão logo 'uma geral', pelo menos, pelo menos é assim entre esses muleques aí da ponte, agora o meu marido não..."(Bárbara, 17 anos).

O comportamento que Bárbara indica ter sido mais importante na sua relação com o marido é o fato de ele ter esperado "dois anos pra acontecer a primeira transa", o que, segundo ela mesma, o difere e coloca-o em vantagem em relação a outros, indicando com isso, a existência entre elas, de uma dada percepção construída em torno do homem cortês como um tipo ideal. Subentende-se por meio da expressão "dar uma geral", por ela invocada para se

referir aos meninos "da ponte", não só a existência de diferença entre os rapazes e as meninas, mas também a diferença de tratamento que os diferentes rapazes dispensam às diferentes meninas. Se atentarmos para o sentido que esta expressão adquire no grupo – significando "pegar"/"amassar", ou seja, explorar com as mãos ou com a boca o corpo da menina – chegaremos à percepção de que, no limite das carícias está a relação sexual propriamente dita; isso quer dizer que, se meninas como Bárbara podem não ter tido a relação sexual durante um período mais longo de namoro (o que é raro acontecer neste grupo); isso significa que há aquelas para quem o limite não existe, ou pode não existir.

É interessante perceber que, quando Bárbara se refere aos "muleques aí da ponte", ela deixa entrever a existência de fronteiras sociais que separam os grupos dentro do bairro onde moram. A ponte a qual ela se refere, parece marcar não só os limites geográficos do bairro do Guamá, mas, também os limites sociais, entre a área onde está localizado o Riacho Doce (área que tem sua origem na ocupação/ "invasão") e o restante do bairro, o que confirma os diferentes níveis de "pobreza" existentes entre os grupos populares.

Mas, a noção de homem que este grupo constrói, se opõe a de "muleque", sobretudo pelo significado moral atribuído à assunção da responsabilidade como pais. Mas, para ser homem, não basta apenas ser pai, ter a capacidade biológica de "fazer filho". Então a pergunta permanece: o que é ser pai neste universo? Para a maioria dos rapazes entrevistados foi o nascimento do filho que ocasionou uma mudança de comportamento no sentido de ter propiciado a aquisição de certas atitudes e/ou virtudes associadas ao papel de pai. Além da responsabilidade relacionada à necessidade de trabalhar para prover o sustento do filho, eles se referem a uma mudança na maneira como encaram as circunstâncias da vida; a uma fase de amadurecimento que faz com que abandonem certas atitudes consideradas de "muleque" passando a assumir outras, vistas por eles e por seus pares como de homens adultos.

> "Houve uma mudança...mudou um pouquinho da minha liberdade porque antes eu saia, agora eu tenho que ter uma responsabilidade a mais, por causa da minha filha, por causa da minha esposa, pra manter o meu caráter de homem né". (Benício, 18 anos).

> "**Depois que a minha filha nasceu me senti mais responsável**. Muda muita coisa cara! Eu saia pra beber com os colegas, saia pra carnaval, essas coisas assim e eu evitei, parei, fiquei mais em casa, mais dedicado no meu trabalho, mais dedicado aqui em casa. Parei com essas bagunças. Me senti mais maduro, com certeza. As pessoas crescem principalmente na responsabilidade, pelo menos eu me senti mais responsável e não sei, porque pra mim eu tenho que trabalhar pra sustentar, tenho que dá o meu jeito, porque tenho que fazer o meu papel de pai". (Daniel, 22 anos, grifo nosso).

Uma característica do discurso dos rapazes no que diz respeito a essa mudança provocada pela paternidade, tanto quanto no caso das meninas, é a ambigüidade. Isso pressupõe que assumir a paternidade significa ao mesmo tempo, ganhos e perdas também. Ganha-se responsabilidade, maturidade, respeito, mas, perde-se em parte a liberdade.

No grupo de adolescentes pesquisado por Lago (2002) no Riacho Doce (também em Belém), essa referência à possibilidade de mudança de status do rapaz mediante a paternidade também foi identificada, e pode ser percebida através da fala de um dos rapazes que a autora entrevistou:

> "Eu posso dizer que não sou um simples adolescente, porque eu já dou conta de uma casa; tá certo que é pequena, mas eu banco quase tudo que tu tá vendo aqui, mas eu não sei dizer se já sou completamente adulto...é, pode eu dizer que então sou um jovem, porque eu **só vou ser completamente adulto o dia que eu tiver, talvez, um filho**, ou quando eu ficar mais velho, mais gordo, assim como os homens casados" (Bruno, 21 anos, citado por Lago (2002), p. 51. Grifo nosso).

A responsabilidade com o provimento (mesmo parcial) de uma casa – "banco quase tudo" – pressupõe uma diferença em termos de aquisição de uma responsabilidade que está relacionada ao processo de passagem à vida adulta. Esse processo para eles, só se consolida com a paternidade. Cruzando a fala de Bruno, entrevistado por Lago, com a de um outro Bruno, que entrevistamos, é possível perceber melhor como essa transição de um lugar a outro ocorre na vida dos rapazes:

> "Eu acho que (a paternidade) não mudou muito, porque compromisso eu já tinha lá em casa, pois lá quem assume tudo sou eu, o meu pai se separou da minha mãe e tal...e quando ele se separou eu falei que eu não ia pedir mais nada pra ele, nem lá pra casa, eu tô batalhando desde quando ele saiu, faz dois anos, e compromisso eu sempre tive". (Bruno, 19 anos).

O processo que envolve a mudança no sentido da incorporação e/ou aumento de compromissos ligados ao papel de pai/provedor aponta para a importância que este evento assume na construção que estes rapazes fazem de si mesmos. Isso ocorre na medida em que o acontecimento traduz uma forma de confirmação do estado de adultez já em curso (para alguns deles), a partir de experiências anteriores por eles vivenciadas, como por exemplo, a assunção de responsabilidades como provedor diante da separação dos pais e o conseqüente abandono da família pelo (seu) pai. Ou ainda, para outros, diante da gravidez da namorada, tal como ocorreu com Bento:

> "Assumi a paternidade significa muito...porque naquele tempo eu era um muleque, eu era disguiado pra caramba, eu robava as coisas dos outros, ela (a namorada) me ajudou a sair disso, até hoje...responsabilidade eu ainda não tenho, vou ter quando a minha filha nascer, ai sim, a responsabilidade vai aumentar". (Bento, 18 anos).

Reiterando a importância da paternidade neste grupo, o relato de Bento aponta que há, também aqui, uma diferença em termos de grau que essa responsabilidade (como provedor) assume, mediante o reconhecimento da paternidade pelo rapaz.

Com a assunção do filho, ocorre a re-incorporação ou re-significação dos papéis caracterizados por atributos de "seriedade" e de "maturidade", ligados à identidade masculina. Com o nascimento do filho a responsabilidade tende a aumentar, atualizando o status de homem adulto. Assim, mais do que os fatores biológicos, como a idade, por exemplo, são esses eventos sociais que atuam como marcadores de mudanças de etapas da vida neste grupo. Ao "assumir o que fez", ou seja, "reparar" (moralmente) a gravidez da namorada significa neste universo, que o rapaz assumiu uma atitude de homem, embora nem sempre esta atitude resulte em coabitação, o que não significa que a relação afetiva com a menina não seja mantida. Mas, também, não significa que mais adiante, essa "responsabilidade" não possa ser esquecida e fique mais como um marco do cumprimento daquele papel.

Para outro contexto, o estudo de Cabral (2003) em um universo de camadas populares no Rio de janeiro, é iluminador desse mesmo aspecto:

> "Os jovens parecem dizer que 'se tornam homens' ao assumir a paternidade, ou antes, que é preciso 'ser homem' para 'tomar responsabilidade' e 'assumir o que fez'. Mesmo que o 'assumir' não implique em uma relação de casal, há uma tendência, na maioria dos casos, para a coabitação, aqui interpretada como uma forma de resposta à ordem social sobre o compromisso que está sendo estabelecido". (Cabral, 2004: 106).

Ser homem no universo que pesquisamos, embora esteja com frequência relacionado à assunção da responsabilidade material em prover o sustento do filho, possui uma conotação também moral no sentido de ser capaz de "assumir aquilo que fez", ou seja, reconhecer a paternidade. Isso pressupõe que, quem não "assume aquilo que fez" é considerado como "muleque" e, portanto, não é homem. Cabe ainda acrescentar que, diferentemente do universo referido por Cabral (2003), aqui nem sempre assumir a paternidade implica em assumir a menina também, o que significa dizer que "ser pai" é diferente de "ser pai de família" ou marido, o que também não quer dizer que a relação afetiva entre ambos não possa ter uma continuidade, como, aliás, sempre ocorre entre eles.

4.3. E quando ao invés, de "assumir", eles "somem"?

Muito embora a maioria dos rapazes que compõem o grupo aqui analisado tenha assumido a gravidez de suas namoradas e a paternidade de seus filhos, é possível se relativizar a importância do evento neste universo. Isso significa que nem sempre o acontecimento é visto/representado pelas meninas, seus namorados/maridos, suas famílias e por outras pessoas com quem se relacionam, de maneira inteiramente positiva. Tendencialmente, essa percepção positiva tem a ver com o fato de que, como eu já referimos anteriormente, para que uma gravidez e/ou maternidade seja legitimada pelo grupo, em geral precisa ter ocorrido no contexto de uma relação afetivo-sexual do tipo "estável", mais comumente depois de um tempo de namoro estabelecido o qual varia em média de um a quatro meses após o início desta fase da relação afetiva. Como neste grupo, nem todas as meninas engravidaram de rapazes com quem mantinham relação de namoro – já que encontramos três casos de gravidez que ocorreram durante o "fica", ou seja, fora de um relacionamento considerado sério por eles – a percepção que estas, os seus parceiros e suas famílias, tendem a construir em torno do mesmo evento, revela também, uma face negativa.

Assim, o contraponto a essa importância social da paternidade neste grupo vem de três casos em que a gravidez e a paternidade da criança não foram reconhecidas pelo rapaz. Cabe aqui lembrar novamente que o acesso aos dados referentes a estes três casos se deu através dos relatos das meninas, não tendo sido estes rapazes entrevistados, pois, já havia ocorrido o rompimento da relação. É importante assinalar primeiro que o perfil das três meninas cujas histórias aqui se referem guarda diferenças marcantes em relação às demais do grupo. Sobretudo o contexto de ocorrência destes eventos nos três casos, difere dos demais, tendo ocorrido no âmbito de relacionamentos afetivos que não chegaram ao "estágio" de namoro, mas sim, durante umas "ficadas".

Vamos aos três casos: primeiramente temos o caso de Ádria, uma menina de 16 anos que engravidou de um rapaz com quem apenas estava "ficando". De acordo com o que ela, quando o rapaz com quem ela "ficava", foi informado (por ela) sobre a gravidez, deixou claro que "não tinha certeza que o filho era dele" e por isso, ele não manifestou interesse em assumir a gravidez dela e o filho. Contando com o apoio da sua família, ela resolveu que não "ia tirá" (fazer aborto) e que não procuraria mais por ele. O rapaz, no entanto, procurou se manter informado (através de amigos e pessoas conhecidas) a respeito da gravidez e quando a criança nasceu a irmã dele foi fazer uma visita a ela e naquela ocasião pôde constatar que, o menino "é

a cara dele". Assim, ela posteriormente passou a negociar com a sua família a possibilidade de estreitar a relação com ele (o que teria sido inclusive motivo de conflito entre ela e sua mãe), diante da insistência dele em querer assumir o filho, ou seja, reconhecer que ele era o pai e passar a prover o sustento da criança.

O segundo caso é o de Andréia, de 15 anos, que também engravidou de um rapaz com quem "estava ficando". Na época em que ela engravidou, ele estava "namorando firme" com outra menina, fato que era de seu pleno conhecimento. Mesmo assim, ela resolveu ter o filho, pois, sua mãe não permitiu que ela "tirasse" (fizesse o aborto) e também porque durante o tempo de sua gestação o rapaz alimentou esperanças de que um dia poderia assumir o filho, com a condição de que ela não revelasse pra ninguém que ele era o pai da criança. Pelos detalhes dessa "negociação", ficou claro que se tratava mais de uma imposição do rapaz, pois segundo o relato de Andréia, ele teria lhe dito que "se eu contasse pra minha família que o filho era dele", isso provocaria um escândalo que abalaria seu namoro com a outra menina e que diante disso não assumiria a paternidade do filho. O fato é que a menina, até o sexto mês de gravidez, ainda não havia revelado a ninguém da família dela a identidade do rapaz por temer que sua mãe o procurasse para pressioná-lo a assumir o filho e com isso tornar público a paternidade, ou seja, ela manteve o 'acordo' feito com o rapaz, com medo de perdê-lo. Este caso parece reiterar aquilo que dizíamos antes aqui, sobre a diferenciação que os rapazes estabelecem entre as meninas que eles namoram e as outras com quem apenas "ficam".

A história de Amanda, de 17 anos é o nosso terceiro caso de gravidez e paternidade não assumida pelo rapaz. Novamente neste caso, a relação entre o casal – apesar de ambos se conhecerem há mais de dois anos – nunca passou de um "fica". Ressalta-se aqui o fato de esta menina, na ocasião, já ser mãe de uma criança de um pouco mais de dois anos de idade, cujo pai é o mesmo rapaz de quem ela engravidou agora pela segunda vez, o que reflete, de qualquer modo, a continuidade dessas relações afetivas. Na sua primeira gravidez, ele terminou o "fica" assim que recebeu a notícia, e, segundo ela, "ele queria que eu abortasse e eu falei que não, nem que ele e a minha mãe não ajudasse, eu ia ter" (Amanda, 17 anos). Destaca-se ainda, o fato de este rapaz de 25 anos, residir em outro bairro (também de camadas populares), distante do Guamá, e também o fato de que o mesmo, como ela nos disse,

> "teve uma primeira mulher antes e tinha dois filhos...quando eu tive neném, essa mulhé foi lá em casa vê a neném, foi a mamãe que me falou...ela veio vê se a neném era dele mesmo". (Amanda, 17 anos).

Na história contada por Amanda, e por Débora, sua melhor amiga na escola, transparece a questão dos sentimentos dela para com o rapaz, pois, mesmo não tendo ele assumido seu primeiro filho, "de vez em quando aparecia na casa dela pra vê o filho que ele não ajuda ela sustentá" (Débora, 17 anos, amiga de Amanda). Ocorre que em uma dessas "visitas" eles acabaram "ficando" novamente, fato que resultou na segunda gravidez de Amanda. Este caso, inclusive, muito se assemelha aos que foram encontrados por Pinto (2005), em outro universo de camadas populares, em Belém.

Merece destaque também, a repercussão desses casos de não assunção da paternidade na escola e a mudança das relações das meninas com as colegas no mesmo ambiente. No caso de Ádria, foi nítida a manifestação de surpresa ao saberem que ela havia "tido filho" durante o período de férias, pois esse foi um caso raro de não ter havido qualquer suspeita da gravidez pelas colegas na escola. Na entrevista, Ádria afirmou que manteve silêncio sobre sua gravidez por imaginar que "as meninas lá na escola fosse me tratar mal por causa que eu não tinha namorado; aí eu não contei pra ninguém lá que eu tava grávida".

No segundo caso a quebra da regra teve uma repercussão ainda mais marcante tendo sido a atitude das outras meninas na escola, de fato bastante incisiva e hostil à jovem mãe, inclusive isso fez com que ela perdesse a vontade de ir às aulas, questão que sua mãe resolveu solicitando transferência para outra escola no mesmo bairro.

Das três meninas nessa mesma situação de paternidade não assumida pelo rapaz, Amanda foi a que menos sofreu as sanções do grupo na escola pela quebra da regra, ou seja, pelo fato de ter engravidado durante um "fica". Isso em muito foi facilitado pelo fato de a mesma fazer parte do círculo de meninas que estão na escola há mais tempo que as primeiras e que já são mães, concorrendo para que ela fosse aceita pelo grupo mais amplo de meninas.

Como contraponto aos demais casos, portanto, estes confirmam que nesse universo, a valorização da gravidez/maternidade mantém uma estreita ligação com o contexto afetivo em que ela ocorre e, principalmente, com o fato de o parceiro assumir ou não a paternidade. A assunção da paternidade pelo rapaz, no entanto, não ocorre sem o vínculo afetivo (consolidado pelo "namoro firme") com a menina. Tais fatos apontam, portanto que, as práticas afetivo-sexuais neste contexto tendem a obedecer a certas regras que o próprio grupo (inclusive o feminino) mais ou menos delineia no âmbito das relações na escola, o que implica em atitudes incisivas diante de casos como estes três aqui citados que fogem ao que é mais comumente aceito e legitimado por eles e elas.

5 CONSIDERAÇÕES

Os dados da pesquisa apontarem que, neste universo, a construção da masculinidade está estreitamente ligada à experiência da paternidade à medida que esta impõe a eles a responsabilidade moral de assumir o filho. Nesse sentido, ser homem, para além da responsabilidade material em prover o sustento da criança, possui uma conotação também moral no sentido de ter a coragem e a capacidade de "assumir aquilo que fez", ou seja, reconhecer que o filho é seu. Isso pressupõe que o contrário, ou seja, aquele que não assume a paternidade, é visto e considerado (sobretudo pela família da menina), como "muleque" e, portanto, não é homem.

Portanto, a paternidade é um elemento fundamental na construção que os jovens fazem de si e, nesse sentido, é (ou pode ser), um evento que faz parte do processo que aqui estamos considerando como de adultez masculino, um acontecimento que marca a passagem de uma fase a outra na vida deles. Ou seja, não é a idade biológica que define os status de adolescente e adulto, mas, a experiência (social e afetiva) da paternidade. Com isso, os dados também revelaram a importância de se considerar, nesse contexto, o lugar da afetividade na atitude deles em assumir a gravidez e um filho. Pois, na maioria dos casos encontrados, havia uma relação afetiva consolidada nas quais eles estavam envolvidos.

Os três casos de não assunção da paternidade aqui referidos, corroboram a importância e o lugar que a afetividade assume na construção das identidades masculinas neste contexto. Pois, o desejo de "ter filho", manifestado pelos rapazes entrevistados, só viceja no âmbito da relação amorosa construída com a namorada/parceira, o que significa que eles se sentem mais senhores de si e de sua vida por intermédio de uma experiência que é propiciada pelos sentimentos e pelo afeto existentes na relação.

REFERÊNCIAS

BOZON, Michel. e Equipe Gravad. **Por uma abordagem sócio-antropológica dos comportamentos sexuais e reprodutivos da juventude no Brasil:** a construção da pesquisa *Gravad*. 2001, (texto provisório).

CABRAL, Cristiane. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. In: ***Cadernos de Saúde Pública,*** V. 19, Suplemento 2. FIOCRUZ: Rio de Janeiro, 2003. Pp. 283-292.

CONNELL, Robert. W.; MESSERSCHMIDT, James. W. Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. ***Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.*

DUARTE, Luis Fernando Dias. O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In: HEILBORN, M. L. (Org.). **Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais.** Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed., 1999, p. 21-30.

LAGO, Siane. **Namoro pra casar; namoro pra escolher com quem casar**. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Belém: Departamento de Antropologia - DEAN/UFPA, 2002.

LEAL, Ondina Fachel. Cultura Reprodutiva e Sexualidade. ***Estudos Feministas**;* IFCS/UFRJ, 1998, vol.6, n. 2, p.376-392.

MONTEIRO, Simone. **Aids, Sexualidade e Gênero: a lógica da proteção entre jovens de um bairro popular carioca.** Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 1999.

MONTEIRO, Simone. **A lógica da proteção**. In: _____. (org). Qual prevenção? Aids, sexualidade e gênero em uma favela carioca. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002, pp. 95-120. ISBN: 978-85-7541-521-4.

PINTO, Daniel. S. **Unidade familiar mãe-filhos, dinâmica e variabilidade: estudos de casos em grupo popular no bairro da Cabanagem em Belém**. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais), Universidade Federal do Pará, 2005.

SALEM, Tânia. **Sobre o "casal grávido": incursão em um universo ético**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1987.

APÊNDICE 1 – INFORMAÇÕES SOBRE O MANUSCRITO

AGRADECIMENTOS
Não se aplica.

FINANCIAMENTO
Não se aplica.

CONFLITOS DE INTERESSE
Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmica, política e financeira referente a este manuscrito.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA
Os dados dos resultados da pesquisa constam no corpo deste artigo.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM
Não se aplica.

DIREITOS AUTORAIS
Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Comunicação Universitária - os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico. Os editores da Revista têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

OPEN ACCESS
Este manuscrito é de acesso aberto (*Open Access*) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*).. O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la - ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.

LICENÇA DE USO
Licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.

VERIFICAÇÃO DE SIMILARIDADE
Este manuscrito foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o *software* de detecção de texto iThenticate da Turnitin, através do serviço *Similarity Check* da Crossref.

PUBLISHER
Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE). Publicação no Portal de Periódicos da Universidade do Estado do Pará. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da referida universidade.

HISTÓRICO
Submetido: 23 de junho de 2025.
Aprovado: 23 de março de 2026.
Publicado: 25 de março de 2026.